

REVISTA ADVENTISTA

DEZEMBRO DE 1962

«Virei outra vez»...

A propósito do Ecumenismo

«Não me escolheste vós a mim,
mas eu vos escolhi a vós...»

ANO XXIII

N.º 195

«Virei outra vez»...

A. Casaca

FOI há cerca de dois mil anos que Jesus veio, pela vez primeira, a este mundo, na sua natureza humana, pela qual é verdadeiro homem, sem deixar de ser verdadeiro Deus.

Mas a sua entrada neste mundo foi tal como uma criancinha fraca e débil; foi das mais humildes que se possam conceber.

Desafiou todas as leis e hábitos da propaganda, e da expectativa.

Efectivamente, durante uns quatro mil anos, Deus anunciara, larga e profusamente, sob as mais variadas formas, no decorrer dos séculos, com grande cópia de pormenores, o nascimento do Messias.

Os profetas referiram-se à linhagem e condição de sua mãe, aos seus ensinamentos, à sua aparência, ao seu modo de vida, à sua mesma morte.

Milhares e milhares de almas sedentas da graça divina, aguardavam, ansiosamente, a Vinda do Salvador de Israel.

As famílias hebreias conservavam, cuidadosa e acuradamente os registos genealógicos para poderem determinar, exactamente, a linhagem do Messias.

Fizera-se, pois, a maior e melhor organizada propaganda que

(Continua na pág. 3)



SUMÁRIO

«Virei outra vez»...

Editorial

Presentes de Natal

A propósito de Ecumenismo

Notícias do Campo

«Não me escolheste vós a mim,
mas eu vos escolhi a vós...»

O Auxiliar da Escola Sabatina

Três projectos missionários

ANO XXIII N.º 195
DEZEMBRO DE 1962

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
E. MIRANDA, F. CORDAS,
F. MENDES, M. LARANGEIRA
E M. LOURINHO

PROPRIETÁRIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A - LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Prezados Irmãos:

A todos envio as minhas mais afectuosas e fraternais saudações, neste tramontar de um ano que está prestes a entrar no passado.

Muito sãbiamente se compara a vida a uma luta contínua que temos de travar contra inimigos que nos cercam de todos os lados, quer internos, quer externos.

Passaram-se longas horas de tristezas, de desânimos, até mesmo de derrotas; mas, demos a graças a Deus, pois também tivemos, certamente, belas e incomparáveis horas de vitórias.

A nossa Irmã White escreve na sua carta 19 de 1895: «O vosso último pensamento à noite, o vosso primeiro pensamento, pela manhã, devem ser para Aquele em quem se concentram as vossas esperanças de vida eterna».

Se alargarmos este pensamento, poderemos substituir noite e manhã, por Ano Velho e Ano Novo.

Queira Deus que com a saída do Ano Velho também possamos continuar a despir de nós mesmos o homem velho que com as suas ambições e apego às coisas deste mundo, continua a querer afogar a vida espiritual que é a única que nos garante a vida eterna.

Semana de Oração

Pelas notícias que temos recebido das várias igrejas, temos motivos para dar muitas graças a Deus pelas ricas e preciosas bênçãos que se dignou dispensar-nos durante a Semana de Oração.

Mesmo a despeito dos rigores do tempo, registou-se, de maneira geral, em todas as igrejas, uma muito boa assistência às reuniões.

Que os bons propósitos que tão sinceramente se fizeram, durante a Semana de Oração possam permanecer firmes e eficientes, em toda a nossa vida.

Esforço de Evangelização

Prossegue com grande entusiasmo o *Esforço de Evangelização* nas nossas igrejas.

Todos os nossos dilectos Irmãos e Irmãs se compenetraram, de uma maneira geral, da séria responsabilidade que impende sobre todos nós, pois todos somos chamados a trabalhar na Vinha do Senhor, consoante os talentos que nos foram concedidos.

Nada de desânimos, Irmãos. Não deixemos que Satanás se infiltre com as suas subtilezas por entre o nosso trabalho.

A nosso lado temos sempre o nosso bendito Salvador e estando Ele a dirigir-nos, a vitória é certa.

A. Casaca

Presentes de Natal

Pensamentos da Irmã White

Aproximam-se as festas de Natal. Seria bom que se reflectisse sobre o dinheiro que todos os anos se gasta para oferecer prendas a tantas pessoas que não têm necessidades.

Este hábito encontra-se tão radicado que daria a impressão de esquecermos os amigos senão lhes oferecêssemos qualquer coisa, nesta altura do ano. Recordemos, porém, que o nosso generoso Benfeitor Celeste tem sobre nós direitos que precedem os dos nossos amigos. E não iremos nós, por ocasião das festas que se aproximam, apresentar as nossas ofertas a Deus? Até as crianças podem contribuir. Dando aos pobres, que o merecem, fatos e outras utilidades, estamos a trabalhar pelo Mestre.

Lembre-mo-nos de que o Natal é festejado para não nos esquecermos do nascimento do Redentor do Mundo. Geralmente, celebra-se o Natal com festins e glotonaria. Consomem-se grandes somas de di-

(Continua na pág. 7)

«Virei outra vez»...

(Continuação da 1.ª pág.)

jamais se realizara; de nada serviu. Basta recordar como entrou no mundo: «Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Estava no mundo, e o mundo foi feito por Ele, e o mundo não o conheceu». (S. João 1:10, 11).

Sob o ponto de vista meramente humano pode dizer-se que a entrada de Jesus na Terra foi um malogro. Apesar de haver sido pré-anunciada durante dois fartos milénios, ninguém deu por ela. Jesus que criara o Universo, que lhe pertence como Senhor não encontrou um lugar para nascer.

Depois de haverem percorrido, lenta e penosamente os 150 quilómetros que separavam Nazaré de Belém, José e Maria entraram na pequenina cidade de David, onde encontraram todas as portas fechadas.

Miqueias anunciara que o Messias havia de nascer, em Belém. Apesar de Maria e José nunca haverem pensado em sair de Nazaré, a verdade é que a profecia tinha de se cumprir.

Admiremos a extrema bondade de Deus que sabe guiar os acontecimentos salvaguardando sempre a liberdade do homem!

Adoremos a divina Providência que sabe dirigir os acontecimentos sempre de acordo com os seus planos concebidos desde a eternidade e executados na sua devida altura, sem coacção para a actividade livre do homem.

Pois o plano divino vai cumprir-se, precisamente com a colaboração do próprio imperador romano, Octaviano César Augusto. Este príncipe enchia, então, o império com o seu poder e esplendor; filho adoptivo de César, herdara-lhe, também, os projectos, entre os quais um dos mais grandiosos: — o de dar ao império um novo recenseamento.

Destinava-se esta determinação imperial a fazer conhecer não só o número de súbditos do vasto Império Romano, como também as riquezas e recursos de que dispunha,

de modo a permitir ao Imperador lançar novos impostos devidamente adaptados e proporcionados ao estado de cada um dos cidadãos.

Para se efectuar tal recenseamento era necessário que os chefes de cada família se inscrevessem nas terras originárias dos seus antepassados.

Deste modo, José e Maria viram-se obrigados a partir para Belém, terra de seus antepassados. Viagem sobremaneira difícil, incómoda, melindrosa, como se compreende. E, quando, finalmente, ali chegaram «não havia lugar para eles na estalagem», como revela S. Lucas (2:7).

Havia lugar para todos, ricos e pobres, velhos e novos, homens, mulheres e crianças. Só não havia lugar para o Senhor do Universo, para o Salvador do mundo.

Mas a profecia tinha de se cumprir, e Jesus nasceu em Belém, de Judá, absolutamente ignorado de todos.

«Na cidade da sua real linhagem, José e Maria não são reconhecidos nem honrados. Fatigados e sem lar, atravessam toda a extensão da estreita rua, da porta da cidade ao extremo oriental desta, buscando em vão um lugar de pousada para a noite. Não há lugar para eles na apinhada hospedaria. Numa rústica estrebria em que se abrigam os animais, encontram afinal refúgio, e ali nasce o Redentor do mundo». (O Desejado de Todas as Nações, pág. 32).

E assim, humilde e pobre, entrou Jesus neste mundo, donde saiu, humilhado e escorraçado, como um triste naufrago ou um desprezível vencido.

*
* *

Disse, porém, mais de uma vez e de muitas maneiras, sempre claras e categóricas que havia de voltar. Assim o afirmou; sabemos que não falta à sua palavra divinamente honrada. Por isso esperamos a sua Vinda.

Mas a sua Vinda agora será totalmente diferente da primeira. Virá em glória e majestade, circundado de milhares e milhares de anjos, na mais-estroncosa e deslumbrante das manifestações que jamais se realizou, nem realizará.

Empenhado Satanás em desviar os homens do verdadeiro caminho, esforçou-se por inculcar, por toda a parte, a festividade do Natal.

Todos sabemos o que significa esta palavra, a poesia e o encanto que a revestem. Fixando as mentes na celebração do Natal, procura Satanás desviar os corações dos homens para a celebração daquele acontecimento — de certo importantíssimo, o mais importante até agora, na História da Humanidade, pois foi ele que permitiu a morte, a ressurreição e a ascensão do Salvador — mas a verdade é que não devemos quedar-nos, apenas no Natal, no Primeiro Advento de Jesus.

De nada hoje interessa, realmente, ao mundo, o Natal, pois já cumpriu o seu significado. Interessa-nos, sim, o Segundo Advento de Jesus, esse como que Segundo Natal, pois será ele que marcará o fim das misérias deste pobre e dementado mundo.

Por isso, enquanto os homens se fixarem só no Natal, descurando o seu verdadeiro significado, de nada lhes servirá esse Natal, porque os seus corações estarão longe da bendita esperança — dessa bendita esperança, que tem animado e sustentado os crentes através dos séculos.

Esforcemo-nos, prezados Irmãos e Irmãs, por nos prepararmos, cada vez mais fervorosamente para celebrar-mos o grande Natal de Jesus, que é a sua Segunda Vinda, trabalhando, com todo o ardor e entusiasmo para apressar essa bendita e gloriosa Vinda.

Que o Senhor nos conceda com as suas melhores bênçãos a graça de festejarmos, em breve, esse Natal glorioso, que deve ser para todos nós a nossa aspiração máxima, que é a Vinda gloriosa do nosso bendito Salvador.

Quem é que não se tem preocupado com o espectáculo de centenas de Igrejas, de seitas, de denominações, todas elas afirmando que assentam a sua fé na Palavra de Deus e muitas vezes separadas por muralhas intransponíveis aos olhos humanos?

Não é um grito de triunfo que soltam, hoje, milhões de peitos, assistindo aos progressos realizados pelo movimento ecuménico?

Afirmam alguns que é ali que se encontra o verdadeiro caminho, a única possibilidade para fazer desaparecer todas estas separações, todas estas distinções ridículas e de se reconstituir a unidade do corpo de Jesus Cristo, de que a Sagrada Escritura nos dá o exemplo. Será agora que se vão transpor as tais muralhas? Não encontrará, final-

objectivo de se informarem acerca do que se passava noutros lugares? (Actos 11:22). Por ocasião das diferenças que surgiram entre os membros da igreja de Antioquia e alguns irmãos vindos da Judeia, não foi resolvido solucionar a questão tratando-a numa sessão «conciliar», reunida em Jerusalém (Actos 15)? As «visitas» de Pedro, uma espécie de *tournee* partindo de Jerusalém (Actos 8:14 e seg.; 9:32 e seg.) e destinadas a manter um contacto estreito entre as diversas comunidades não são, de facto, uma prova desta unidade?

Existia, efectivamente, uma autêntica unidade no seio da Igreja apostólica, unidade que reforça, ainda, o cuidado dos apóstolos que se encontravam em Jerusalém, em estender a Paulo e a Barnabé «a

Tratava-se de uma unidade exclusivamente administrativa? Certamente que não. São Paulo designa estes grupos como diferentes membros de um único corpo (I Cor. 12). Trata-se, na pena do apóstolo, de uma imagem, entre outras, ilustrando um novo aspecto da unidade da Igreja: *corpo*, de que Jesus Cristo é a cabeça (I Cor. 12:12-26); *edifício*, cuja pedra angular e os alicerces foram postos uma vez por todas (Efés. 2:19-22). Esta unidade acerca da qual Paulo tanto fala e pela qual não cessou de lutar é, portanto, uma unidade que se exprime, essencialmente, de uma maneira visível, na manifestação de uma fé comum, isto é, de uma unidade dos espíritos e não só dos corações, de uma unidade de doutrina. Esta uni-

A Propósito de Ecumenismo

Pastor R. Dederen

mente, o mundo religioso, perante a impiedade, aquela unidade necessária para a defrontar?

A unidade da Igreja

Será possível, antes de mais, definir a própria natureza da unidade, tão exaltada, da Igreja primitiva? Em que consistia essa unidade?

Vejamos o que nos ensina a tal respeito o Novo Testamento. Parece-me difícil contestar que tenha existido no seio da Igreja apostólica uma unidade real. Embora as comunidades locais — também chamadas igrejas — tenham delineado os itinerários de Paulo e dos outros apóstolos, parece, contudo, que a noção de unidade da Igreja se impôs logo desde o início.

Não exercia Jerusalém um papel de igreja-mãe? Não saiu, desta cidade, espécie de quartel-general, o envio de certos apóstolos com o

mão da associação»; de modo que uns se puderam consagrar aos pagãos, ao passo que outros continuavam no trabalho da evangelização no seio das comunidades israelitas (Gálatas 2:9).

Contudo, esta unidade — e julgo interessante salientar o facto — não era nada sinónimo de uniformidade. A Igreja contava no seu seio crentes de origens diversas, agrupados em comunidades, senão separadas, pelo menos muitas vezes distintas: em determinados países, encontram-se essencialmente cristãos de origem pagã; noutros, crentes arrancados ao judaísmo; entre estes, uns são Helenistas, outros são Palestinienses (chamados «hebreus» no VI capítulo do livro dos Actos). Uma Igreja, formada por grupos diferentes. Causaram-lhe eles a ruína? Pelo contrário, eram um dos elementos mais seguros da sua riqueza verdadeira. Unidade, mas não uniformidade!

dade é-nos apresentada pelo grande apóstolo como um dos frutos, um dos objectivos da unção do Espírito de Deus. Os dons do Espírito, diz-nos ele, foram concedidos à Igreja «até que todos cheguemos à unidade da fé»... «para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulentamente»... (Efésios 4:9-16). A unidade da fé, de certo, a dos corações, mas também a dos espíritos.

Tais são, em esquema, as grandes linhas da unidade da Igreja primitiva.

Não era, porventura, assim mesmo, a preocupação do Salvador quando no Jardim do Getsémani, consciente da imensidade da tarefa que estava para confiar aos discípulos e não ignorando as suas discussões, suplicava ao Pai «Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o

és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós» (João 17:21)?

Seriam eles fiéis ao mandato que Jesus lhes confiava? Saberiam eles, como Paulo dirá uns trinta anos mais tarde, dirigindo-se a Timóteo, «permanecer naquilo» que tinham aprendido (2 Tim. 3:14)?

A exortação de S. Paulo, na sua última epístola, parece ir ao encontro do desejo do Mestre e revelar-nos uma das maiores preocupações de um e de outro, o cimento, de certa maneira, desta unidade de que acabamos de falar: «Conserva o modelo *das sãs palavras*, que de mim tens ouvido, *na fé e na caridade* que há em Cristo Jesus. *Guarda o bom depósito*, pelo Espírito Santo que habita em nós.» (2 Timóteo 1:13,14). Seria fácil multiplicar os exemplos.

A unidade procurada por Jesus e ensinada por S. Paulo é a dos corações, certamente, mas também a dos espíritos; a do amor (da caridade, traduzem certas versões) mas também e, sobretudo, a da fé, da doutrina.

O brilho da unidade

A unidade cristã não durou muito tempo. Se se pode falar de uma Igreja indivisa do primeiro milénio, temos também de reconhecer que a sua unidade nunca foi plenamente realizada, mesmo durante este período. A História diz-nos que em 1054 a ruptura entre o Ocidente e o Oriente cristãos estava consumada. Roma e Bizâncio dirigiam, desde então, embora de uma maneira diferente, os destinos religiosos das Igrejas cristãs do Ocidente e do Oriente, das Igrejas latina e grega.

Esta unidade, na melhor das hipóteses, não tinha sido senão uma união. União muitas vezes interrompida, por vezes durante longos decénios e que não pôde, de resto, impedir nem os cismas nem as heresias.

Os que têm feito desta ruptura o objecto de investigações atentas, afirmam que numerosos factores estranhos à teologia permitem explicá-lo. É certo que o mundo oriental e o mundo ocidental se desen-

volveram no plano da concepção da vida religiosa, segundo linhas diferentes que se tornaram finalmente divergentes. É verdade que à separação geográfica sucedeu uma separação de língua, falando uns o grego, e outros o latim. E não se perdeu, em breve, o hábito de se lerem mutuamente? Não se pode negar que perante um Oriente, politicamente cada vez mais fraco, florescia o Ocidente, aumentando em poder. Bizâncio perseverava no antigo, mantendo, também, o mais fielmente possível a concepção patrística da Igreja. Roma, pelo seu lado, vendo a Europa ocidental reencontrar o seu vigor intelectual e não conhecendo senão uma longa série de êxitos, tinha tendência para considerar o seu cristianismo como o único verdadeiro, desprezando a tradição honrada em Bizâncio, tradição esta que a mesma Roma tinha professado, durante muito tempo, antes que a ruptura se estabelecesse. (Veja-se R. P. M. J. Le Guillon em *L'Esprit de l'orthodoxie grecque et russe*, Paris, 1961, págs. 73-80).

Também não é menos certo que as pretensões de Roma para a supremacia absoluta na Igreja e no Estado foram a causa essencial da separação. Nada no passado da Igreja grega justificava tal pretensão, que não devia estabelecer-se no Ocidente, do século nono ao século doze, senão por uma longa série de falsificações e de imposturas muito bem conhecidas dos historiadores. Aos elementos geográficos, políticos e sociais juntaram-se divergências teológicas e eclesiológicas. As mesmas pretensões deram, mais tarde, novas rupturas.

Já não se falava a mesma língua. A unidade da fé e da caridade tinha desaparecido. N. Struve, Assistente na Sorbona, secretário de redacção do *Messenger Orthodoxe*, desprezando um pouco os factores não teológicos, assim exprimiu a posição da Igreja Oriental dos nossos dias: «As igrejas Ortodoxas não estão em comunhão com Roma devido a razões exclusivamente dogmáticas: porque, por fidelidade à mensagem evangélica e à santa tradição, as igrejas ortodoxas julgam impossível aceitar novos dog-

mas romanos, e à cabeça deles o da infalibilidade pontifícia. A união das duas grandes Igrejas irmãs não se fará senão na Verdade. Toda outra forma de união virá do Maligno.» («*Esprit*», nova série, Dezembro 1961, p. 804).

Ao desaparecimento da unidade dogmática sucedeu a ruptura orgânica. Que dizer da grande ruptura que se deu no século XVI?

Não era, essencialmente, e mais uma vez inspirada pelo receio de julgar todo o ensino doutrinal à luz da Sagrada Escritura? Qual era, pois, o significado profundo da Reforma, senão a vontade determinada de ligar a vida inteira do crente nas suas relações com a Igreja, o Estado e o seu próximo, sob a autoridade da Bíblia?

É certo que a Reforma trazia consigo um princípio de individualismo que tardaria a produzir frutos. Este individualismo devia produzir um desgaste de forças, um enfraquecimento crescente da Igreja. Mas era, antes de mais, um grito de consciência, um desejo profundo de restituir à Sagrada Escritura — depósito sagrado confiado à Igreja — o lugar que Deus lhe destinara.

Na verdade, a unidade da fé, do amor, mas sobretudo da fé, tinham desaparecido. O cimento desejado pelo Mestre já não existia e o grande edifício elevado à glória de Deus via aluir as paredes. A unidade da Igreja não passava de um mito.

Tentativas de aproximação Oriente-Occidente

Ninguém estava satisfeito com uma tal derrocada, contrária ao voto expresso na oração do Salvador; por isso não faltavam os esforços para a aproximação. Seria longo mencioná-los aqui, mesmo sumariamente. Sem nos determos nos esforços tentados por Roma da parte dos Protestantes, cujo poder político e moral não cessava de crescer, mas de que estava separada por divergências fundamentais, reconhecemos que as tentativas feitas para aproximar o catolicismo ocidental da ortodoxia

oriental merecem algumas referências. Aqui, não se esqueça, a separação era menos nítida e as diferenças menos pronunciadas. Havia a convicção de que se se fizessem algumas concessões, seria possível regressar à unidade, à qual se aspirava, de resto, tanto de uma parte como da outra.

As tentativas de aproximação mais célebres entre Roma e Constantinopla foram as de Leão (1271) e de Florença (1439). Nos dois casos os Bizantinos submetiam-se a Roma. Embora a segunda tentativa de união tenha sido mais reflectida, mais cuidadosamente meditada, o certo é que ambas se malograram. Baixos móveis políticos é que as haviam inspirado. Tratava-se, antes de mais, não de uma aproximação teológica séria, mas de manobras políticas. Constantinopla não podia mais resistir à onda crescente dos Turcos senão com a ajuda do Ocidente.

Estes malogros dão-nos, pelo menos, alguns ensinamentos: Não há resultados duradouros nas relações «ecuménicas» se as considerações políticas intervierem naquilo que é só do domínio espiritual. É impossível chegar a uma união verdadeira, união dos corações e dos espíritos, por meio de compromissos. Finalmente, as decisões solenes, tomadas por certas autoridades eclesiásticas revelar-se-ão ineficazes, se não corresponderem ao voto profundo e às convicções dos membros da igreja. Não pode ser questão, aqui, de arrastar as massas atrás de si, mas de exprimir as suas aspirações.

Se tais tentativas de aproximação se malograram, o desaire ainda foi mais duro, todas as vezes que se procurou reunir protestantes e romanos.

Movimentos ecuménicos nos séculos XIX e XX

Depois de um silêncio de vários séculos e, desta vez, no seio do mundo protestante, um facto novo e muito importante vai-se precisar no século XIX: igrejas — e não

apenas algumas poucas personalidades — que, até agora, tinham vivido confinadas num isolamento tanto geográfico como confessional, encontram-se súbitamente mergulhadas num vasto movimento de realizações universais. De todos os lados surgem instituições e organismos internacionais.

As aspirações para a unidade não tinham faltado nos séculos anteriores. Mas, porque factores novos e as realizações do mundo moderno ofereceram a estas aspirações instrumentos inesperados, um movimento de aproximação de um vigor extraordinário, foi organizado na segunda metade do século XIX. Assiste-se, primeiramente, ao nascimento de um bom número de uniões infra-confessionais, tais como a Aliança Evangélica Universal (1847), a Aliança Universal das A. C. J. G. (1855), a Aliança Reformada Mundial (1875), a Aliança Presbiteriana Mundial (1877), etc. Estes primeiros esforços chegaram, finalmente, a um resultado mais importante, desta vez nitidamente inter-confessional: a Primeira Conferência Missionária Mundial das Igrejas Protestantes, em Edimburgo, em 1910, agrupando mais de 150 sociedades missionárias. Este acontecimento marca a data do nascimento do movimento ecuménico moderno. (Veja-se Berthe Gavaldá, *Le mouvement oecuménique*, Paris, 1959).

Numerosas Igrejas Protestantes, desejosas de fugir ao enfraquecimento, procuravam reencontrar a unidade perdida. Não dissemos atrás que a unidade da Igreja primitiva era, essencialmente, uma unidade de fé, de doutrina? Por isso não é de admirar que uma das preocupações principais dos dirigentes do movimento ecuménico fosse a de procurar, antes de mais, confrontar as doutrinas teológicas das diferentes comunhões.

O problema reveste uma importância tanto mais grave, quanto este movimento de união entre as Igrejas não pode hoje ser considerado como um reagrupamento exclusivamente protestante. Com efeito, a presença das Igrejas or-

todoxas orientais, incluindo as da Cortina de Ferro (a sua entrada geral no Conselho Ecuménico das Igrejas data da Assembleia de Nova Deli, 1961), e a das Igrejas Velhas-Católicas, permite a este movimento qualificar-se de «ecuménico».

A caminho de uma teologia ecuménica?

Qual é presentemente o resultado destes trabalhos, destas confrontações teológicas?

Chegou-se já a uma clara «teologia ecuménica»?

Longe disso — pelo menos no estado actual das coisas.

Qual é o lugar ocupado pelas Sagradas Escrituras?

Desde 1950, na sua obra *Oecumenisme*, René Pache chama a atenção para o facto de a afirmação plena das Escrituras não ter sido afirmada na mesma Constituição do movimento. É assim que no seu artigo primeiro, a Base doutrinal do Conselho Ecuménico das Igrejas, cujo objectivo, de acordo com os próprios termos do Relatório do Comité Central da Terceira Assembleia — a de Nova Deli — é: «dizer o que nos liga no Conselho Ecuménico, qual é o ponto de partida da nossa conversação e o fundamento da nossa colaboração» (Evanston, Nouvelle-Deli, 1954-1961, Genève, 1961) revela-nos uma fórmula muito estritamente bíblica na sua redacção, mas susceptível de muitas interpretações. Eis o texto oficial: «O Conselho Ecuménico das Igrejas é uma associação fraternal de Igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador segundo as Escrituras e se esforçam por responder em conjunto à sua comum vocação para a glória de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo». Nada aqui se encontra que nenhum estudioso atento da Sagrada Escritura possa professar. A aceitação desta base doutrinal é a exigência fundamental à qual deve satisfazer toda a Igreja que deseja unir-se ao Conselho ecuménico. Contudo, a Assembleia de Evanston sobre a recomendação do Comité de Refe-

rência para os objectivos gerais declarava claramente neste assunto, em 1954, que «o Conselho ecuménico transgrediria os limites que ele próprio havia traçado, se procurasse, de qualquer maneira, julgar se qualquer Igreja toma ou não toma a sério esta declaração». Portanto, qualquer Igreja pode interpretar-la como melhor entender. Foi esta uma experiência repetida muitas vezes. Nem todas as Igrejas representadas em Nova Deli aceitaram esta Base. Algumas aceitaram-na recorrendo a fórmulas explicativas, abrindo assim a porta ao «pluralismo doutrinal». Deste modo, encontram-se hoje as ideias mais contraditórias a respeito de Jesus Cristo, por exemplo, e isto, apesar de se declararem «unidos»: consideram-n'O homem, nascido miraculosamente, morto na cruz para expiar os nossos pecados pelo seu sangue; ou consideram-n'O Deus nas mesmas circunstâncias; há ainda quem O considere como um simples moralista particularmente «actual» e que morreu na cruz, por acaso. Tudo depende do sentido dado aos termos «Senhor», «Deus» e «Salvador», para não falar de outros. Pois apesar de tudo isto ainda continuam a chamar-se «unidos».

Será então possível, nestas condições, falar de um regresso à unidade primitiva, de que se falou atrás? Vamos para um desmembramento da unidade dogmática, cujo depósito foi confiado por Deus à Igreja?

Ou não estaremos antes a assistir a uma espécie de fusão, de sincretismo religioso susceptível de permitir que cada comunhão se mantenha no seio do Conselho das Igrejas?

Parece-me que estamos longe da unidade da Igreja tal como no-la revelam os escritos do Novo Testamento. Em que se tornam as verdades essenciais da Palavra de Deus e a «doutrina dos apóstolos» (Actos 2:42)? Seria insensato e criminoso negar a imperiosa necessidade de um testemunho unido, de todos os Cristãos, em Jesus Cristo, na crise mundial actual, como o de um esforço de evangelização na escala mundial à qual todos os cristãos deveriam ser convidados a participar. Mas que Evangelho é que se deveria pregar?

Não seria necessário, antes de mais, verificar que Evangelho se iria pregar, para que não soasse falso? Billy Graham, o pregador de reputação mundial, convidado pelo Conselho ecuménico das Igrejas a participar como observador nas reuniões da Assembleia de Nova Deli — a sua igreja recusou-se a tomar parte — não estaria na verdade, quando exortou aquela Assembleia a exprimir sem qualquer equívoco, a sua fé na autoridade divina e plena das Escrituras, na divindade de Jesus Cristo, na sua morte expiatória pelos nossos pecados, na sua ressurreição corporal, assim como no seu regresso pessoal, e ainda no estado de perdição do mundo fora da fé que salva

por Jesus? *Mission*, Dezembro de 1961).

Que a unidade da Igreja seja um imperativo, é evidente, visto que o Salvador morreu «para reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos» (João 11:52); fez dos judeus e dos pagãos um só corpo (Efésios 2:14-16) para que todos tivéssemos acesso junto do Pai, num mesmo Espírito (vers. 18). Mas convém não esquecer que esta unidade, este verdadeiro ecumenismo, deve estar na medida da unidade que existe entre o Pai e o Filho. Jesus, com efeito, convida-nos a sermos um como o Pai e o Filho são um «perfeitamente um» (João 17:21,23). Portanto, tal unidade implica alguma coisa mais do que uma uniformidade exterior; excede a união puramente exterior; exprime uma adesão completa, total, santa, de todo o ser, a uma fé única, a uma mesma doutrina da Verdade.

Esta «unidade da fé» para retomar, ainda, o pensamento de São Paulo, «professa a verdade na caridade» (Efésios 4:15), unindo o amor e a fraternidade à verdade tal como ela é em Jesus Cristo e na Palavra inspirada. Uma unidade no amor e na comunhão com todos os verdadeiros filhos de Deus, mas também na plena submissão à revelação escrita.

Parece-me que é este o verdadeiro ecumenismo, o que julgo estar conforme com a Sagrada Escritura.

PRESENTES DE NATAL

(Continuação da pág. 2)

nheiro em prazeres inúteis. Satisfazem-se os apetites mais baixos com prejuízo do bem-estar físico, mental e moral — coisa esta que se tornou um costume. O orgulho, a moda, a satisfação da gula absorvem somas imensas, somas estas que, em vez de resultarem úteis para quem as possuía, vão antes favorecer uma prodigalidade desagradável a Deus.

Nestes dias procura-se, antes, a própria glória, do que a de Deus. Sacrifica-se a saúde, deita-se o di-

nheiro pela janela fora, chegando, inclusivamente os excessos de muita gente a causar-lhes a morte.

Deus seria glorificado, se os seus filhos se contentassem com uma alimentação simples e frugal, levando à Igreja as suas ofertas, pequenas ou grandes, retiradas dos bens que lhes foram confiados, para que a luz da verdade seja apresentada às almas que vivem nas trevas do erro.

Poder-se-ia, assim, alegrar o coração da viúva e do órfão dando-lhes o necessário.

Todas aquelas pessoas que fazem profissão de acreditar na verdade presente, deveriam calcular aquilo que, todos os anos, principalmente, por ocasião das festas, gastam para satisfazer os desejos egoístas e profanos, os apetites depravados, contrapondo-lhes exigências superiores.

Se contarmos o que assim desperdiçamos, inutilmente, veremos que é possível economizar e dar para a causa de Deus, sem causarmos prejuízo nem à nossa alma nem ao nosso corpo.



O Pastor Cupertino no culto solene do Dia do Senhor

Conforme fora, oportunamente, anunciado, efectuou-se em Lisboa a Reunião de Obreiros da Conferência Portuguesa, na segunda semana de Outubro.

Presidiu aos trabalhos o Director da União, Pastor Casaca, e estiveram presentes todos os Obreiros do Continente e ainda, como representantes da Divisão Sul-Europeia,

O Director da União Portuguesa recebe, oficialmente, os novos Pastores



os Pastores W. A. Wild e G. Cupertino, respectivamente Secretário-Geral e Secretário da Associação Ministerial da mesma Divisão.

A REVISTA ADVENTISTA, não querendo incorrer em nenhum lapso, saúda, por este meio, todos os nossos prezados Irmãos que participaram na Reunião, desejando-lhes as melhores bênçãos de Deus no desempenho das suas funções ministeriais.

PASTOR W. A. WILD

Foi com o maior prazer que tivemos a oportunidade de ouvir no culto de oração de terça-feira, 9 de Outubro, o nosso prezado Irmão Pastor Wild, Secretário-Geral da Divisão Sul-Europeia, que veio assistir à Reunião de Obreiros da nossa Conferência.

Depois de haver manifestado a satisfação por se encontrar entre os irmãos portugueses, a quem saudou fraternalmente, começou por se referir ao Concílio Vaticano, que dentro de dois dias iria realizar-se em Roma. Recordou que neste mesmo Verão também tivemos o nosso Concílio, há três meses, que foram as Assembleias da Conferência Geral, em São Francisco. «Em todos estes Concílios — salientou o Pastor Wild — intervêm, apenas,

uns tantos representantes da Igreja. Mas todos nós esperamos participar dum próximo Concílio, verdadeiramente Ecuménico, isto é, universal, que será convocado e presidido pelo nosso bendito Salvador, na Nova Jerusalém».

TRÊS CONFERÊNCIAS

Nos dias 11, 12 e 14 de Outubro passado, o Pastor G. Cupertino, Secretário da Associação Ministerial da Divisão Sul-Europeia, usou da palavra, na igreja-mãe de Lisboa, perante numeroso e selecto auditório. Foi um magnífico tríduo em que versou e desenvolveu o sugestivo tema *Maravilhas do Universo*. As notáveis conferências foram acompanhadas de expressivas projecções luminosas, devidamente explicadas e comentadas pelo Pastor Cupertino.

Salientando que por toda a parte se notam inquietação, angústia e infelicidade, o orador fez-se eco da pergunta cruciante que atormenta tanta e tanta gente: «perante tanta miséria e maldade será possível que Deus exista, ou se existe, que Ele se preocupe connosco?».

Prometeu, então, ao auditório suspenso dos seus lábios que iria mostrar na grandeza e na magnificência das obras da Criação a existência do Criador.

A primeira conferência, subordinada ao subtítulo «O Céu, maravilhas do firmamento vistas através do telescópio de Palomar», levou o auditório a contemplar as involvidáveis visões do abismo estelar, astros, nebulosas e constelações fotografadas pelo maior telescópio do mundo. Mostrando as maravilhas do mundo que proclamam, solenemente, a existência, o poder e a inteligência do Criador, o orador destacou a pequenez do nosso planeta perante a imensidade do firmamento. Chamou, depois, a atenção para o ridículo dos que pretendem devassar os espaços infindos, supondo que desafiam Deus. Recordou, muito a

propósito, a resposta do cosmonauta Titov, quando aterrou, depois de ter dado 17 voltas à Terra: «Sinto-me satisfeito por me encontrar de novo a pisar a Terra».

A segunda conferência foi subordinada ao subtítulo: «A Terra, prodígio e esplendor da Criação». O vasto salão encontrava-se repleto. O Pastor Cupertino, depois de haver recordado o assunto da véspera — —maravilhas do Céu — desbobinou perante o auditório sempre atento e interessado as maravilhas da Terra. Através de esplêndidos diapositivos — muitos deles formados de fotografias tiradas pelo próprio conferencista — a assistência seguiu deliciada as maravilhas da Criação, tanto no domínio do reino vegetal: deslumbrantes flores, árvores frondosas, encantadores parques e rescentes vergéis — como no mundo animal, desde as polícromas borboletas aos mais variados exemplares dos campos e das selvas. Por toda a parte se sente a presença de Deus, mas, nomeadamente, nas maravilhas dos seres vivos.

Finalmente, o admirável tríduo tocou o seu termo com a conferência subordinada ao subtítulo «O Homem, milagre vivo; a sua grandeza e a sua miséria». Foi toda uma maravilhosa lição de fisiologia e de psicologia que o Pastor Cupertino apresentou, numa linguagem muito clara e singularmente fluente, para concluir num remate lógico e irreprimível a existência de Deus, nosso Criador e Redentor, que muito em breve voltará para solucionar os gravíssimos problemas que atormentam a humanidade e que só o Senhor Jesus poderá resolver.

Toda a assistência, por intermédio do tradutor e Pastor da igreja de Lisboa, Pastor Martínez, formulou os seus votos de boa viagem ao Pastor Cupertino, que no dia seguinte partia para a Suíça.



O Director da União Portuguesa consagra os novos Pastores

CONSAGRAÇÃO PASTORAL

Com a presença dos Obreiros da União, congregados, em Lisboa, para participar na Reunião de Obreiros, efectuou-se a tocante cerimónia da Ordenação ao Pastorado dos Irmãos J. J. Laranjeira e David Vasco.

Foi no Sábado, 13 de Outubro, que estes nossos prezados Irmãos Laranjeira e David receberam a consagração pastoral.

Na tribuna, sob a presidência do Director da União Portuguesa, Pastor A. Casaca, tomaram lugar os Pastores: Cupertino, representante da Divisão Sul-Europeia, Ribeiro, Viegas, Reis, Miguel, Martínez e os jubilados Raposo, Simões e Pires.

Fez o culto o Pastor Cupertino, que salientou a importância da consagração pastoral, que pressupõe o chamado de Deus, a vocação, e que implica da parte do homem a entrega total, completa, exclusiva de todo o seu ser, de toda a sua actividade à obra de Deus. O Pastor Cupertino comentando o passo de Mateus 19:27 «Eis que deixámos tudo e te seguimos» exortou os ordinandos a fazerem verdadeiramente suas aquelas palavras do apóstolo Pedro: «*deixai tudo*, absolutamente tudo o que é pessoal, interesses, negócios, projectos», para se entregarem totalmente a Deus,

ao seu serviço, para o qual iam ser consagrados, solenemente. Seguidamente, dirigiu-se aos seus Colegas já Pastores para que renovassem, mais uma vez, a sua consagração, numa doação integral ao Senhor. O mesmo convite estendeu a todos os Irmãos e Irmãs presentes exortando-os a renovar as suas promessas do baptismo e de outras

Os noivos
Adelaide Ribeiro e José Ribeiro



consagrações nos vários cargos que desempenhassem ou haviam desempenhado na Igreja de Deus.

Seguiu-se, depois, a impressionante cerimónia da Consagração. Esta ordenação ministerial é a última na escala progressiva da hierarquia no serviço de Deus. Equivale ao que nas igrejas romana e anglicana se denomina sagração episcopal, isto é: sagração de bispo. Em todas as igrejas cristãs se tem mantido e se mantém o rito fundamental e essencial da consagração, tal como se efectuou pelos Apóstolos, perpetuando-se através dos tempos: a imposição das mãos, acompanhada da oração, que é uma súplica e uma consagração.

É certo que nas igrejas romana e anglicana a sagração do bispo se reveste de todo um cerimonial deslumbrante numa liturgia de cânticos, orações, unções e genuflexões. Mas, como se disse, mantém-se a cerimónia essencial, que já vem dos Apóstolos: a imposição das mãos, acompanhada da doxologia, súplica e consagração.

Foi consagrante dos novos pastores o Director da União Portuguesa, Pastor A. Casaca, circundado e coadjuvado por todos os Pastores presentes. Em frente da tribuna, na primeira fila, tomaram lugar as esposas e filhos dos consagrados, Irmãos Laranjeira e David. Na tribuna, estes ajoelharam rodeados por todos os Pastores, também de joelhos. Iniciou a oração de consagração o Pastor Casaca, que na devida altura impôs as mãos nas cabeças curvadas dos consagrados; imediatamente todos os outros Pastores estenderam, igualmente, as mãos, formando uma cadeia ininterrupta, enquanto o Pastor consagrante, Director da União, dirigia a sua prece a Deus consagrando os novos Pastores.

Terminada a cerimónia, os novos Pastores ouviram o apelo pronunciado pelo Pastor P. Brito Ribeiro.

Seguidamente, foram recebidos, oficialmente, como Ministros Consagrados na União Portuguesa, pelo seu Director, Pastor A. Casaca, e cumprimentados, em nome da Divisão Sul-Europeia, pelo Pastor G. Cupertino, Secretário da Associa-

ção Ministerial da Divisão. Os novos Pastores foram, depois, abraçados pelos seus Colegas. A convite do Pastor Casaca, os novos Pastores dirigiram breves palavras à Congregação, manifestando o seu reconhecimento a Deus pela excelsa graça que lhes concedera e pedindo as orações de todos os Irmãos para que possam corresponder, fielmente, à sua vocação.

No final da cerimónia foram efusivamente cumprimentados pela assistência.

A REVISTA ADVENTISTA associa-se, cordialmente, ao júbilo dos novos Pastores, desejando-lhes, com a ajuda de Deus, frutuoso apostolado.

TOMAR

Novos lares adventistas

Teve lugar no passado dia 15 de Abril a cerimónia religiosa do casamento dos nossos jovens Irmãos Adelaide Nazaré Ribeiro e José Armando Ribeiro. Presidiu ao acto

*Os noivos
Cândida Gomes e Arlindo Bastos*



o Irmão Pastor Pedro Ribeiro, durante o qual teve ocasião de dirigir algumas palavras aos noivos e aos presentes, focando alguns dos mais importantes aspectos do matrimónio na vida cristã.

Também no dia 23 de Setembro teve lugar idêntica cerimónia na nossa Igreja. Desta feita, o enlace matrimonial dos jovens Irmã Cândida Gomes de Tomar e Irmão Arlindo Bastos, da Igreja de Canelas. Foi oficiante o Irmão Pastor Samuel Reis que, numa alocução, dirigida aos noivos, lhes indicou algumas das máximas que os poderão auxiliar na sua nova vida.

Aos dois jovens casais, em nome da Igreja os nossos melhores votos das bênçãos de Deus.

Fim de jornada

No dia 1 de Outubro findo, fomos profundamente tocados pelo falecimento do nosso muito querido e estimado Irmão Alfredo Mendes. Uma semana antes, nada fazia prever tal desenlace e por isso todos nós fomos apanhados de surpresa pelo triste acontecimento.

Em casa do extinto e no cemitério tivemos oportunidade de dirigir algumas palavras aos inúmeros presentes, apontando-lhes a necessidade de nos prepararmos para tal destino e para Jesus o Príncipe e o Doador da vida.

O nosso Irmão Alfredo Mendes contava 82 anos, era casado com a Irmã Maria do Amparo Mendes, pai das Irmãs Judite Mendes Gomes e Fernanda Reis, sogro do Irmão Pastor Samuel Reis.

À família enlutada apresentamos as nossas sentidas condolências.

José Manuel de Matos

BAPTISMOS NO NORTE

No dia 22 de Setembro passado, santo dia do Senhor, as igrejas de Espinho e Canelas rejubilaram no Salvador, porque tiveram a dita de assistir ao baptismo de 25 preciosas almas, das quais oito de Espinho e dezassete de Canelas. Reuniram-se, assim, numa tocante cerimónia,



*Os novos Irmãos e Irmãs de Canelas e Espinho com os seus Pastores
E. Miranda e J. Abella*

repleta de elevada espiritualidade, onde aquelas dilectas almas foram apresentadas pelos Obreiros locais, Pastor Abella e o signatário.

Os nossos prezados Irmãos e Irmãs das duas igrejas rodearam do maior afecto e carinho os catecúmenos que, por sua vez, não ocultavam a alegria que lhes inundava as almas que iam entregar a Jesus.

Tivemos o grande prazer de contar entre nós o Director da União, Pastor Casaca, assim como a visita do Pastor Eugénio Rodríguez, da igreja de Tânger.

Oficiou o Pastor José Abella. O exame aos neófitos foi feito pelo Director da União, que proferiu uma tocante alocução baseando-se em Romanos 8:38,39. Salientou a importância do acto que se ia realizar animando todos os presentes a permanecer firmes no amor de Jesus, pois se assim procedermos não há nada que nos possa separar de Deus, que o mesmo é dizer do nosso bendito Salvador, tal como exclama o Apóstolo: «Estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potesdades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a

profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor».

O Pastor Casaca dirigiu, depois, um fervoroso apelo aos presentes convidando-os a entregarem-se ao Salvador; 32 almas responderam animosas e deram um passo à frente. O Pastor Casaca teve, seguidamente, palavras de ânimo e de apreço para com os Obreiros locais congratulando-se com os resultados obtidos, para os quais suplicou as bênçãos do Senhor, assim como para as preciosas almas que manifestaram o desejo de se entregar a Jesus.

Que o bendito Salvador se digne abençoar estas preciosas almas que naquele dia se renderam ao Senhor e com elas todos os nossos queridos Irmãos e Irmãs, concedendo-nos a todos a graça de perseverarmos fiéis até ao fim, sempre prontos a testemunhar da fé que «uma vez foi dada aos santos» são os ardentes votos do vosso conservo que pede as vossas fervorosas orações

Eliseu Miranda

Por motivo da cerimónia baptismal planeada a realizar-se no Sábado, 30 de Junho p.p. nesta Congregação, com candidatos de Setúbal, Baixa da Banheira e do Barreiro, que pela primeira vez na história desta Igreja, teve grande alegria de abrir os tampões do seu Baptistério às necessidades — para o efeito — da sua congénere de Setúbal, foi grande e abençoado este dia para a nossa Congregação.

Com uma boa representação de irmãos de Setúbal, estava o seu dedicado Pastor com cinco valerosos crentes para com os do Barreiro e Baixa da Banheira, se entregaram definitiva e publicamente ao Senhor pela cristianíssima cerimónia do Baptismo.

A Congregação local estava em peso assistida de bom número de visitas e amigos, alguns dos quais decididos futuramente a unirem-se também à Igreja, pois como nos primitivos tempos desta gloriosa Causa... acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar». Assim é também agora em muito maior número, pela razão do evangelho eterno (chamada especial de Deus em Apocalipse 14:6-13) ao mundo inteiro estar no zénite da sua acção divina nos nossos dias.

Fez a prática alusiva e habitual da cerimónia assim como um vivo e claro exame aos baptizados, expondo e lembrando os pontos fundamentais da fé cristã-adventista, o honrado e velho amigo de há 30 anos, Pastor Matos Viegas.

O ambiente de respeito e de recolhimento espiritual se acentuava quando o Pastor oficiante descia os degraus do Baptistério e se dispunha a sepultar naquele coval espiritual aquelas onze consagradas almas para a vida cristã. A assistência sob a direcção do Pastor visitante entoava a estrofe do cântico indicado, após o baptismo de cada uma; nas quais, eram lembrados os cânticos de alegria entre os anjos nos Céus, pelo facto de os pecadores reconciliados voltarem a Deus!

Foram onze ovelhas e cordeiros que neste dia aqui aumentaram o

rebanho mundial do Bom Pastor — JESUS!

Por não se apresentarem a este acto, como estava assente — razões de saúde — realizou-se no Sábado seguinte — 7 de Julho — o baptismo de mais duas preciosas almas que foram também agregadas ao rebanho do Senhor.

Desejamos que o carinho, simpatia e sobretudo o amor cristão manifestos especialmente pelos irmãos a estes nossos novos irmãos, após a sua recepção ao seio da Igreja pelos Pastores se mantenha cada vez mais entre todos os irmãos da fé do Senhor a cujos cuidados e amor eterno, recomendamos estas humildes almas e com elas renovamos a nossa também.

Vosso ao serviço do MESTRE.

M. Miguel

cessidade de leite, quantas casas necessitando de auxílio. Nunca é demais o que podemos fazer por estas populações.

Exames:

Mais um ano escolar chegou ao seu fim com toda a série de acontecimentos imprevistos. Também os nossos alunos sofreram, naturalmente as mesmas ansiedades que muitos de nós já sofreu. Mais de 20 alunos propostos a exame na 3.^a classe do ensino de adaptação obtiveram todos passagem e dos propostos para a 4.^a classe somente um ficou mal. Nos primeiros estavam incluídos alunos dum curso nocturno composto por trabalhadores da Missão e que obtiveram também o prémio da sua persistência.

Ao Prof. Maurício e seus colaboradores na preparação daqueles alunos os nossos parabéns.

Congressos:

Acabamos as reuniões anuais mais conhecidas por congressos. É pena que cada ano não tenhamos uma visita que as torne mais solenes e interessantes para os nossos crentes. No congresso da Missão que foi o maior em número de assistentes e baptismos foram realizados 160 que fizeram chegar a 680 o número dos baptismos realizados este ano e que foi o maior em toda a história adventista em Moçambique. Falta ainda realizar uns 40 em áreas ainda não visitadas.

E até breve.

J. A. Morgado

MOÇAMBIQUE

Campanha Evangelística

O fim do tempo da chuva dá-nos possibilidade de melhor desenvolver as nossas actividades de campo.

Assim o Prof. Maurício dirigiu um grupo de seus alunos numa campanha de 10 dias num lugar onde foi deixado um catequista; o Eng.º Nunes Ramos permaneceu por igual tempo numa antiga catequese. Em ambos os lugares a par das reuniões públicas, e do auxílio prestado às populações desenvolveu-se uma interessante ajuda médica aos doentes.

O Ir. J. Carrilho e sua Esposa empreenderam uma campanha de um mês visitando todos as nossas igrejas na vasta área de Milange. Ali se prestou durante esse tempo uma intensiva campanha de auxílio médico a cargo da nossa Irmã. Durante esses dias foram feitos: 1 178 tratamentos, dadas 1 531 injeções e vistos mais de 2 700 doentes tendo-se percorrido mais de 1 900 Kms. Mais de 4 500 pessoas assistiram às reuniões feitas.

Quantos doentes caminharam de um lugar para outro em busca de socorro, quantas crianças com ne-

Novo Lar Adventista



No passado dia 9 de Setembro consorciaram-se os nossos prezados Irmãos Dália Rosa Simões Ferraz e Carlos Joaquim Simões Mateus.

A igreja encontrava-se festivamente engalanada tendo assistido à cerimónia muitas dezenas de pessoas, destacando-se os Jovens da Sociedade Missionária de Lisboa, de que os noivos fazem parte.

Presidiu à cerimónia o Pastor Samuel José Graça, na qualidade de pastor da igreja que na devida altura dirigiu aos noivos uma tocante prática.

O templo reboou com os acordes do órgão executando as marchas nupciais, enquanto os noivos seguidos dos seus familiares, convidados e amigos desfilavam pela coxia sob uma chuva de pétalas frescas e perfumadas.

Com os votos das melhores bênçãos de Deus para o novo Lar Adventista também a REVISTA ADVENTISTA lhes dirige os seus cordiais parabéns.

«Não me escolheste vós a mim, mas eu vos escolhi a vós...»

A. Casaca

Nesta quadra do ano em que o mundo cristão relembra o nascimento do Salvador um hino de ações de graças deveria prorromper dos nossos corações para Lhe testemunharmos o nosso amor.

D'Ele recebemos tudo o que somos e o que temos. Chamou-nos à existência, entre tantos e tantos milhões de possíveis seres que, porventura, a saberiam melhor aproveitar. Fer-nos nascer numa época civilizada e cristã; e, para não nos alongarmos noutras considerações, chamou-nos para a sua «maravilhosa luz», dando-nos a fé, esse precioso dom, que nos faz reconhecer e confessar como nosso Criador e Redentor o nosso divino Salvador.

Foi Jesus quem nos chamou não só para a sua igreja, mas até mesmo à vida.

Da nossa parte nada havia que nos pudesse recomendar, porquanto nem sequer existíamos, nem sequer poderíamos jamais ostentar qualquer títulos para recebermos o mais pequenino e insignificante dom.

«Não me escolhesteis vós a mim», disse Jesus, num dos momentos mais solenes da sua vida mortal. Naquela inesquecível noite — a última da sua vida mortal — quando doutrinava tão amorosa e divinamente os apóstolos, acrescentou: «mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça» (João 15:16).

Que pensamento tão consolador, este, o de sabermos que fomos escolhidos por Deus, pelo nosso bondoso Criador, pelo nosso amoroso

Salvador para herdarmos a vida eterna.

Nem toda a eternidade será bastante, por assim dizer, para manifestarmos a Jesus a nossa gratidão.

E que daremos, nós agora, em troca por tão grandes dádivas recebidas das mãos de Deus?

«Hoje em dia o Salvador nos chama para a sua obra, como o fez a Mateus, a João e a Pedro. Se o nosso coração é tocado pelo seu amor, a questão da recompensa não ocupará o primeiro lugar no nosso espírito. Regozijar-nos-emos em ser cooperadores de Jesus, e não temeremos confiar no seu cuidado. Se fazemos de Deus a nossa força, teremos uma clara compreensão do dever, aspirações altruístas; a nossa vida será influenciada por um nobre desígnio que nos colocará acima de motivos sórdidos. Muitos de quem o Senhor se poderia servir, não darão ouvidos nem obedecerão à sua voz acima de todas as outras. Parentes e amigos, velhos hábitos e ligações têm tão poderosa influência sobre eles, que Deus não lhes pode comunicar senão poucas instruções, poucos conhecimentos dos seus desígnios. O Senhor faria muito mais pelos seus servos se eles Lhe fossem inteiramente consagrados, colocando o Seu serviço acima dos laços de parentesco, e de todas as outras relações terrenas». (*Obreiros Evangélicos*, pág. 109).

A todos nós se dirige o Apóstolo Pedro, divinamente inspirado, quando nos chama «geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido, para anunciarmos as vir-

tudes d'Aquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz» (I Pedro 2:9).

Estamos vivendo num mundo desvairado que segue à deriva a caminho da perdição. Nunca, como nestes nossos dias, necessitamos tanto do auxílio misericordioso de Deus para obtermos a inefável graça da perseverança.

Tal como fizeram os Apóstolos «Eis que deixámos tudo e te seguimos» (Mateus 19:27), assim também nós temos de renunciar ao nosso eu, ao mundo e às suas concupiscências, para podermos ser achados dignos de tomar parte nas bodas do Cordeiro.

Relembrando o nascimento do Salvador, — o seu Primeiro Advento — cumpre-nos renovar, bem do fundo do coração, uma inteira e decidida consagração de todo o nosso ser ao nosso divino Salvador.

Foi Ele que nos chamou para a «sua maravilhosa luz». D'Ele recebemos tão grande e incomparável vocação.

«Portanto, irmãos, procurai fazer, cada vez mais firme, a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis». (II Pedro 1:10).

Que a recordação do Natal de Jesus fazendo renascer nas nossas almas o desejo ardente de sermos sempre fiéis à nossa vocação — esse admirável chamado para a maravilhosa luz — nos sirva, também, de penhor para comparticiparmos do glorioso e Segundo Advento do Salvador.

Que o Senhor nos conceda, na sua santa paz, mui feliz Natal.